

Neste número, desafiámos os colegas a refletir sobre as dimensões do presente e do futuro na contemporaneidade, alargando o nosso olhar, partindo do valor da nossa história, da nossa condição transformadora e revolucionária, para a imaginação de uma psicanálise ainda por vir.

O desafio consistiu numa reflexão aprofundada sobre o modo como a psicanálise pode contribuir para pensar no mundo contemporâneo, quando este é caracterizado pela convulsão permanente, a mudança vertiginosa num globo cada vez mais agredido, quente e caótico, a nível político e coletivo.

Também o presente nos confronta com uma ciência desprovida de contexto e consciência, na qual a imagem e o culto dos ideais substituíram a ligação com o outro e conosco próprios. A tecnologia não é um instrumento, mas um sintoma da incerteza que atravessa o próprio enigma do que entendemos por humano. Como será possível, nestas circunstâncias, recuperar a «atitude em F», o ato de fé que Bion considera indispensável à tarefa analítica? Será a psicanálise uma profissão impossível na atualidade?

A partir da frase frequentemente citada «os jovens esperam o futuro na cama que os mais velhos estão a fazer», pensamos na relevância da irreverência na construção da «memória do futuro» dos futuros possíveis, para que o futuro da psicanálise não fique refém do *après-coup*.

Pensando no que é inédito e surpreendente na escuta contemporânea, procurámos também refletir sobre a plasticidade do nosso pensamento analítico para não perdermos de vista a complexidade que nos rodeia. Cientes de que os psicanalistas não lidam só com o passado,

interessa-nos ainda, e de modo particular, a forma como a psicanálise poderá ajudar as crianças e os adolescentes a construírem o seu futuro: os futuros imaginados repercutem-se no presente; sem sonhos nem fantasias de futuro, não há sobrevivência.